

**Estamos diante de montanhas**, e assim regressamos a um passado remoto. Passamos a sonhar, nosso eu se desprende. Um clarão de eternidade alcança os montículos de lascas de quartzo. O pequeno se transforma, se alarga, tornando-se grande. As montanhas nos remetem à dimensão cósmica, nos confrontam com a nossa pequenez gerando outras sutis considerações sobre o eu. A geografia projetada nas paredes nos embala e nos embriaga. Diante dela oscilamos entre as nossas lembranças, memórias e desejos que nos devolvem à beleza original do mundo. A relação com o cosmo nos torna mais fortes. A solidão, a angústia, o absurdo que nos acompanham nos jogam na face o nosso destino, que deve ser revisto. Como nos diz Walter Benjamin, "a relação com o cosmo se realiza na embriaguez". Esta é a única experiência na qual nos certificamos do aqui mesmo e do distante e eterno, e esta troca mobiliza nossas energias.

**Iluminar cristais** e criar montanhas imaginárias, encaixar o macrocosmo e espelhá-lo no microcosmo, além de tentar contê-lo numa grade finíssima, mostra como Martha persegue o conhecimento do mundo, e isto deixa traços fortes e visíveis em toda sua obra. Sua perspectiva é clara. No movimento de reflexão sobre sua obra anterior, Memória do fogo, percebe-se que suas idéias sofreram importantes reformulações, porém mantendo uma firme e contínua raiz subterrânea que a estrutura. Unindo arte e ciência a artista conseguiu transcender a barreira da *nigredo* alcançando a *clariciência* da fase atual.

Noemi Ribeiro